**MESTRE CABELO | MÚSICA INSTRUMENTAL BRASILEIRA**

**Intro / CABELO [01]**

* A gente não percebe aqui porque tamo na zoeira da viola, mas a mizinha que faz parceria baixou.
* Aí a terça
* Aí a quarta
* Aqui já é quinta

[Música: 9th de Beethoven, segundo movimento]

[Lettering: Música instrumental brasileira]

**HERMETO PASCOAL [01]**

* O Beethoven manda um recado, Mozart manda um recado, todos esses maestros clássicos tão mandando um recado para os senhores, os seus professores. Eu vou dar esse recado, espiritual, por favor, faça de conta que a minha música é um quadro que eu botei na parede, por favor, não copie esse quadro, sabe, inspire-se nesse quadro, e toca a minha música, se inspire, tenha liberdade, eu fiz a música pra isso.

[Música: Jam Session]

**TEATRO PAIOL [01]**

* Música instrumental brasileira já foi a música mais vendida e mais tocada no rádio
* Mas por que que então que a música instrumental não é tão popular
* Num é bem o talento que faz o músico aparecer…
* Num é bem o talento que faz o músico aparecer…
* Mas parece que a música instrumental ela também requer uma atenção do ouvinte, uma coisa de uma sensibilidade ou uma coisa assim.
* É verdade, muita gente pode se salvar se você conseguir levar a boa música nos… né…
* Eu acho que a música instrumental tem algumas coisas difíceis, sim, de assimilar. Se você coloca um disco do Pharoah Sanders, do Ornette Coleman, certas coisas do John Coltrane, certas coisas… se não, você não vai até o final.
* Eu acho que o instrumental ele tem que ser bonito, a melodia tem que ser bonita, né, não adianta fazer muita firula e muita coisa…
* Se quer dizer emocionante?
* … que até pode ser interessante
* Tem que ser emocionante?
* Mas não é bonito, não fica bonito.
Tem que emocionar é isso?
* Tipo Bachianas nº 5, é uma melodia tão linda que não tem quem não goste daquilo, aquela ali é um instrumental matador.
* Mas orquestra é o que me emociona é o que me emocial… pra mim, e a música instrumental também… É uma vertente… né…
* Sim… Claro, claro…
* Não tem como você ouvir uma orquestra uma sinfônica…
* Mas quantas pessoas hoje param para ouvir uma orquestra?
* Eu faço vexame, choro, me jogou no chão
* Surgiu uma pergunta, será que a música eletrônica então também é música instrumental?
* Eu acho que é, e os caras ficam putos comigo
* Então é esse o futuro?
* Porque o cara não tem instrumento… não sei…
* Será esse o futuro então?
* Eles têm instrumentos…
* Não tem instrumentos, mas o cara tem que ter uma noção…
* Pode ser que seja uma nova praia, ou nem tão nova mas digamos, com outros critérios
* Acho o seguinte, quando ela está associada com instrumentos tocados com elementos eletrônicos.
* Toma umas drogas juntos pra você ver que beleza
* Independente do que, se agrada ou não agrada, eu quero dizer o seguinte, é que é um estilo que tem o seu lugar, tem muitos apreciadores e tal e tem seus critérios e usa música num conceito instrumental mas com outro "*approach"*
* Não é frases

[imitando violão]

* Mas é…

[imitando batidas de música eletrônica]

* Ai vai pro agudo e volta

[imitando batidas de música eletrônica]

* Aí vem, aí fica repetindo

[imitando batidas de música eletrônica]

* Aí apago, apago Puf!

[imitando batidas de música eletrônica]

* Aí tem um cara fica ali que faz
* Tem uma ciência….

[imitando batidas de música eletrônica]

* Aí foi, volto, volto ai vai, dai vai pra cima como se fosse um helicóptero chegando assim

[imitando batidas de música eletrônica]

* Ai o pro agudo que some e agudo sumiu, e fica todo mundo no ar, não tem mais ritmo…
* E vai voltando.

[imitando batidas de música eletrônica]

[Música: Arthur Joly - Sintetizador]

**ARTHUR JOLY [01]**

* Eu acredito que tem… Os maiores interessados por música instrumental, são os músicos mesmo. Com essa história da fábrica de vinil que eu to bem envolvido, eu acredito que agora a gente tem um renascimento da música pela música, assim sem pensar comercialmente mesmo , porque o vinil não vai ser vendido como eram vendidos os CDs, então o cara que se presta a fazer um vinil ele tá interessado muito na música, vai investir tempo, dinheiro e nem sempre o cara vai achar que já não vai vender, então vou fazer o meu som do meu jeito, então… Você não vai as vezes no iTunes clicar numa música doideira pra ouvir, mas se pode pegar um vinil e falar "Agora eu vou entrar numa viagem de 40 minutos olhando essa capa…"
* A gente discutiu muito isso… Exatamente, que acabou aquele ritual de ao comprar um disco, chamar os amigos e ouvir o disco juntos…
* Eu, eu sempre fui um admirador de música instrumental, é... principalmente depois que eu comecei a trabalhar com produção musical. Eu sempre, eu não decoro letras, eu não, geralmente quando eu escuto música a última coisa que eu presto atenção é o que ela fala. Então, pra muitos momentos da minha carreira foi um problema e pra outros foi ótimo porque eu sempre prestei atenção em timbre, e isso moldou um pouco minha trajetória na música, né. Porque eu mostro esse tipo de música pra sei lá, pros meus pais, pra minha irmã, pra outras pessoas que não são muito…
* Engajadas
* Do mundo da música, eles falam “Ah ta, legal, mas põe outra aí pra gente ouvir”

**CLAUDIO MOITA OFF [01]**

* A canção joga sujo. Poesia e voz. A sedutora voz, pode ser engraçada, bonita e vigorosa, não importa. E a poesia, ah, essa é definida como: “a associação harmoniosas de palavras, ritmos e imagens. E dela, vieram divas, canários, *rockstars*, *popstars*. A voz nasce com a gente, é nosso primeiro instrumento”

**YAMANDU COSTA [01]**

* Música instrumental não existe, até porque não existe música sem instrumento. Quer dizer, essa compreensão que existe na América Latina em torno da música instrumental é um negócio que atrapalha o serviço da gente, te rotula a uma coisa extremamente pejorativa, imagina você convidar uma jovem de 16 anos pra ir num show de música instrumental, a menina vai começar a dormir antes de sair de casa, po... Não tem nada haver entendeu, então a partida desse assunto já tá errada, não é música instrumental, é música, pode ter letra você, você pode dar um peido, pode… não importa é som, é música, então não tem que rotular isso como uma coisa diferente, entendeu
* Você quando vai no show de um cantor, você não fala "eu vou num show de música cantada", você não fala isso, por quê? E por que você vai num show de música instrumental? Então o contra-senso tá aí, como pode uma nação que, não consegue entender isso como uma arte de fato, assim, produz tanta gente boa, por quê?

[Música: Cabelo]

**CLAUDIO MOITA OFF [02]**

* Esse é Cabelo, meu mestre. Uma cara de alma pura, meio desligado em aspectos que as pessoas valorizam muito, como ambição, capacidade de se articular para atingir objetivos. Mas na música, um cara sem limites, muito ambicioso, exigente, e acima de tudo, genuíno, dedicado ao extremo. João Batista Cabelo, Romano Nunes, João Cabelo, ou simplesmente Cabelo, era uma figura, conhecido por se benzer diante a uma garrafa de champagne achando que era uma imagem da santa, em função da miopia, e por atrair e deixar de queixo caído, estrelas da música que o viram tocar, era de fato uma lenda.

**HERMETO PASCOAL [02]**

* Eu nasci música entendeu, eu nasci música. Aí vinha aquela vontade de… de tocar de fazer alguma coisa. Num tinha rádio, não tinha luz elétrica, num tinha nada
* Ao ponto de eu com quatorze anos de idade, esquecer que eles estavam tomando conta de mim, porque o irmão mais velho sempre tomava conta do mais novo
* Ai me deu aquela intuição maravilhosa pra ir embora pra Recife…
* Num conhecia Recife, num tinha ninguém conhecido nada, mas a intuição, que eu sempre acreditei nela, sabe… aí veio aquilo, aí eu cheguei pra ele e: "Zé… esse dinheirinho que a gente ganhou aqui, vamo paga a passagem e vamo pra Recife, temos que ir pra lá, temos que aprender lá, vamo bora!"
* Aí ele disse: "Deus me livre! Já pensou se eu chegar em casa sem você o pai… O pai me matar" Ele né "– Pois ele vai te mata, porque se você não for eu vou só e vai ser pior…"
* Chegamos na rodoviária, todos os dois um de quatorze e outro de quinze anos né, primeira coisa que o cara falo logo: "Oh vocês não podem viajar, vocês dois são de menor, não pode", aí quando vi ele dizendo isso pro meu irmão, eu fingi que não escutei e chorei, e fiquei chorando: "Meu Deus a minha tia tá morrendo, eu tenho que chegar em Recife pra ver minha tia, a minha tia…" Inventei um nome qualquer lá, da minha tia Olinda, minha tia num sei o que, aí comoveu os caras, "Olha eu vou fazer isso com vocês, eu num faço com ninguém"
* Descemos na rodoviária sem saber o que fazer, só perguntando onde é a rádio tal
* Ai o Sivuca chegou, nos levou lá no Dr. Pessoa de Queiroz que era o dono das emissoras de jornal e de comércio.
* Ai o Sivuca disse: "Pois é, eles também tão chegando lá do nordeste, de Alagoas, e estão começando a aprender a tocar ainda… "
* Ai o Sivuca falou e disse: "Olha, já vou dar uma sanfona pra cada um…"

[Música: Improviso Raul de Souza]

* Fizemos um contrato, eu com quatorze e ele com quinze

**RAUL DE SOUZA [01]**

* O primeiro músico, maestro, que me deu chance de tocar junto com ele, isso depois da Turma da Gafieira, foi o Cipó. Eu cheguei no ponto dos músicos, por minha sorte, ele tava lá, conversando com outra pessoa, com outro músico, aí eu perguntei né: “Quem é aquele senhor que tá lá?”, “Aquele lá é o maestro Cipó”, “Pois com ele mesmo que eu quero falar”
* Aí eu cheguei, “Maestro, boa tarde, gostaria de um dia, ter o prazer de tocar com o senhor”, ele falou assim: “10:30 da noite, hoje, aqui, hoje aqui”
* Eu alí já com fome, já era 5 horas da tarde, comecei a pensar, vou ter que arrumar alguém que me pague um sanduíche, porque chope e cachaça todo mundo paga né
* Dez e meia eu tava subindo a escada já do clube lá, era um cabaret nessa época, que o Cipó tava tocando, mas tocando jazz mesmo. Fiquei encostado lá, ele me chamou “Sobe aqui!”, peguei o trombone, todo, cheio de barbante, esparadrapo, trombone horrível mas eu tava bem vestido então alguma coisa salvava
* E afinava tudo na boca, instrumento horrível. Ele me perguntou: “Se conhece essa música?”, falou em inglês comigo, falei: “Conheço”, conhecia nada, nem pelo inglês, nem pela melodia né.
* Aí tocou lá, solou, coisa e tal, aí deu pra mim o solo, aí eu comecei a solar né, já desesperado, querendo tocar tudo ao mesmo tempo, tudo, o que vinha na minha cabeça, toquei tudo, quando terminei de tocar essa música ele virou pra mim: “Você é um dos meus”.

**ARISMAR DO ESPÍRITO SANTO [01]**

* Aí você tem que tocar pra ser bondoso com o instrumento, só isso, não tem que estudar erudição nenhuma, erudição ´E tocar várias praias eu acho, num sei, sabe, tá vivo, erudito é respirar. Eraudito pelo não dito, né isso?
* Aí você tem que estudar pra ser bondoso com o instrumento, só isso, não tem que estudar erudição nenhuma, erudição eu sei tocar várias praias eu acho, num sei, sabe, tá vivo, erudito é respirar.
* É erudito pelo não dito, né isso?

[tocando piano]

* Eu comecei a tocar com dezessete anos, e o cara do escritório falava: "Traz os documentos pra pegar a carteira do trabalho", se eu falasse que era menor de idade o cara não ia deixar tocar
* Ponto, aí fiquei cozinhando o galo, cozinhei o cara uns seis meses, oito meses, aí no dia do meu aniversário eu fui lá e me entreguei "Oh… mão na cabeça, vim de entregar", “O que que é", "To fazendo dezoito hoje". "Ma… não sei o que" E… agora…
* Já passou,
* Aí fiquei agora já to…
* Eu tocava e testava, ai toca uma música, sai uma ideia, aii ponhava todos os tons. É cada surpresa cara, cada tom é uma história, cada tom é um tom de… voz, cada tom é um carinho.
* Porque a música ela já é a música, a outra é canção, ai coloca de um jeito que "Ah essa música tá sem letra". Não, você não entendeu, isso é música. A outra tem letra, é a outra, é música, outra música. Aí você valoriza essa coisa de cantar junto, valoriza essa melodia, a melodia não tem fim.

**RAUL DE SOUZA** **[02]**

* Numa dessas companhias, Copacabana, Continental, sei lá, com o Altamiro Carrilho, um grupo que Altamiro organizou de regional, com o irmão do Hermeto Pascoal tocando acordeão e aí ele comentou comigo “Eu gostaria, eu gostaria não, eu QUERO gravar, fazer uma gravação com um músico que improvisa”, Digo, “Deixa que eu vou armar”. Já conhecia já, Celso Trompete, o Baden Powell. Aí organizamo, um grupo que teve o nome da Turma da Gafieira, Altamiro deu o nome né, Turma da Gafieira. Foi o primeiro grupo teve que o Brasil teve tocando música brasileira, composição do Altamiro, e dando a oportunidade pro músico que improvisava, improvisar um pouco.
* Eu pegava tudo de ouvido, porque não lia nada, lia mais ou menos, ainda mais. A parte, era clave de sol, que é parte de leitura pra trompete, saxofone, trombone já é clave de fá. Quer dizer, Eu não ia transportar aquilo pra fazer, pra, se era dó, eu tenho que dar ré. Eu falo: “Toca aí, como que é? Ah ta”

**HERMETO PASCOAL [03]**

* Nota Lá, só que eu não sabia o que era nota Lá, direito assim, eu não sabia porque eu vim lá do mato.
* Quando eu vi aquilo, meu professor foi aquilo ali, porque eu tenho muito até hoje muita facilidade de deduzir as coisas.
* A tradição se sente mal quando não tem evolução. Se ela falasse, ela ia dizer “Meu Deus, não me toque mais assim”
* Se o Villa Lobos, nascesse agora, o Villa Lobos mesmo pela musicalidade dele, ele não ia… todo mundo repetitivamente tocando, estudando música do Villa Lobos pra tocar igual, aquilo… você acha que o Villa Lobos, com a musicalidade que ele tem… Beethoven, esses caras, devia todo mundo tocar copiando todo mundo, porque mesmo no tempo deles, no tempo deles, eles tocavam diferente dos outros

**RAUL DE SOUZA** **[03]**

* Cada cabelo do Hermeto é uma nota ali, é um acorde. Eu falo pra ele, "Vou pegar esse aqui que tá mais vermelhinho", tá tudo branco né, aí ele: "Onde é que tá vermelho?", que ele não vê mais nada, não vê nada né

**HERMETO PASCOAL [04]**

* Olha meu olho, olha meu olho, olha gente, eu olhando pra uma partitura, olha pro olho, você nem sabe pra quem eu to olhando, ninguém sabe pra que eu tô olhando, é por isso que eu… Antigamente quando eu ia no ônibus, assim pra arrumar… eu as vezes eu arrumava namoradas no ônibus gente, com um olho rodando, aí uma olhava pra mim, a outra olhava, e nenhuma sabia pra quem eu tava olhando, e eu tinha tempo de olhar a mais bonita, ai aquela mais bonita eu apontava, "você… pode sentar aqui…"

**RAUL DE SOUZA [04]**

* É um gênio que o Brasil tem, é um gênio, depois vem outros, mas esse é o gênio número um, o Hermeto.

**HERMETO PASCOAL** **[05]**

* Eles nunca sabem o que é que eu vou fazer, porque eu também não sei, eu sei que vou fazer, eu sei que vou fazer. E tenho uma banca de frutas, com todo tipo de frutas pra vender pra quem quiser comprar, agora eu não vou fazer ninguém escolher as frutas. O povo é sábio, por quê? porque, principalmente não põe o saber na frente do sentir

[Lettering: O povo é sábio principalmente porque não põe o saber na frente do sentir]

**TEATRO PAIOL** **[02]**

* Era um cabelão ainda...
* Era cabelão, era sempre um cabelão
* E acabava assim, channel…
* Era meio channel, tinha uma curvinha embaixo, não tinha?
* Isso foi uma época
* É, as épocas que marcam são essas
* Por que Cabelo?
* Por que Cabelo?
* Na capa do “Águas do futuro”, ele tá com esse cabelo
* A prova que esse cabelo não tem problema nenhum é que aquele cara, o Ray Coniff que tem esse cabelo também...
* É, há anos!
* Que fez sucesso também… Então não é problema do cabelo. O problema de não ter feito
* O cabelo, não
* Não foi, o cabelo do cabelo não foi o problema dele não ter feito sucesso

[Música: Cabelo]

**POETAS** **[01]**

* O Cabelo era o exemplo, era a forma pronta do que a gente queria ser em qualquer área, jornalista, escultor, não interessa, você queria ser aquele artista que ele dissesse ”Amigos, eu me preparei para ser o melhor do mundo”...
* Igual Jimmy… John
* E o Cabelo sempre deixou claro pra todo mundo que ele tava concorrendo a melhor do mundo. Então um dia eu nunca esqueço cara, um dia eu tava assim, eu falei: “Po cara”, ele falou “Mas por que você ta triste?”, “Porque hoje faz…”, eu não lembro se fazia 15 anos, 16 anos, 20 anos que o Jimmy Hendrix tinha morrido, que é minha grande referência como música. Ele me pegou o violão, cara, ele fez quatro, cinco riffes do Hendrix, com uma pretensão cara… E eu falei “Puta Cabelo, cara, você absolutamente…”. Naquele dia cara, eu transformei ele em anjo, porque na verdade, ele me satisfez de todas minhas necessidades estéticas em relação ao Hendrix
* Magina, cara, que você tem uma ideia daquele

[Toca riffe com sons da boca]

* Aí o cara faz pra você, na tua frente, assim ó
* Sim
* Você está triste? Então eu vou tocar… Orra cara!
* Vira o negão na tua frente, né
* Não, absolutamente genial

[Música: Cabelo]

[Lettering: Jazz Sinfônica + Trio Corrente Sala São Paulo]

**TRIO CORRENTE [01]**

**Fabio**

* Éramos garotos de vinte anos, entendeu? Quando a gente se conheceu um ao outro, meio… né… Em ambientes sem glamour nenhum. Eu conheci o Paulelli, ele num numa boate, eu conheci o Edu num porão ensaiando pra fazer um baile, entendeu, a gente tinha vinte anos de Idade

**Edu**

* Então a gente sempre tem um ideal que é tocar esse som, mas todo mundo tem as suas vidas paralelas trabalhando com um monte de coisas, eu acho que durante um bom tempo, a gente não deu tanto valor pra isso, que é uma coisa difícil de você acreditar, "vou viver disso daqui, vou continuar fazendo isso que isso é legal!", porque eu vejo músicos, que não tem essa vontade.

**Fabio**

* Sim, é verdade…

**Edu**

* A gente tinha uma profissão, a gente tinha da onde tirar lá o nosso sustento, a gente trabalhava com outras coisas, mas a gente queria se encontrar pra tocar, sem dinheiro nenhum

**Paulo**

* Tem muito músico que são geniais, e às vezes tão trancados num quartinho ali, e tem tanto talento, e, mas às vezes não tem oportunidade, ou por causa da personalidade, o fator, a gente não sabe qual que é exatamente

**Edu**

* Isso é uma coisa que… eu gosto de falar assim, é legal quando você encontra uma turma, e eu sou feliz por isso, por a gente ter se encontrado, porque… é difícil você… de repente passa e você não encontra os seus parceiros e você passa uma vida inteira lutando sozinho

[Corta - Jazz Sinfônica tocando com Trio Corrente: Garota de Ipanema]

**Edu**

* Uma vez me perguntaram, da influência da música americana, daquela coisa meio de exportação, Coca-cola, um tênis, música, como é que funciona , acho que o Brasil, mesmo tendo isso, você ainda liga o radio e escuta música brasileira, a música ela é tão bem feita, ela é tão forte em todos os lugares que ela ainda briga com isso, e tem alguns países que você vai que você liga o rádio, que parece que você está nos Estados Unidos. Sei lá, imagina um mercado que não é o Brasil, pra qualquer música de fora, ela entra mas ela não domina completamente

**Paulo**

* Exatamente, exatamente, é acreditar nesse tipo de música que a gente faz, e dá certo. Não por causa do glamour, ou do reconhecimento, simplesmente por ser feliz com a música que tem aqui, que é grandiosa é maravilhosa.

**Fabio**

* Eu conheço músicos que eles ficam felizes em tocar na pizzaria e eles quebram tudo e tocam muito bem, e tão lá… E eu conheço músicos, que ficam super felizes de tocar um som que eles não gostam num baita de um teatro, né… tipo assim, de repente ele tá com uma cantora que ele não gosta de tocar com ela, mas quando ele tá num baita de um teatro e tem um milhão de pessoas ali assistindo, ele gosta.
* Eu não fico só feliz tocando na minha casa, eu quero apresentar esse trabalho, quero apresentar essa música, mas eu acho que, a plenitude na música vem em primeiro lugar.

**Edu**

* Se a música que você faz, se as pessoas gostam um pouco da música que você faz, mas você não precisa mexer no que você faz para elas gostarem, é muita sorte.

**Fabio**

* É verdade

**Edu**

* Então às vezes as pessoas se moldam pra fazer sucesso, ter algum reconhecimento né… Eu acho que quando você faz uma escolha dessa, você não… Cara você não vai dizer "não" para uma série de coisas, e falar num tô nem aí pro público, nada. Precisa aproximar, a gente não pode se distanciar das pessoas, é um serviço social.

[Jazz Sinfônica tocando com Trio Corrente: Cebola no Frevo]

**MAESTRO GALINDO** **[01]**

* Aprender a gostar de música, é aprender a gostar, como de qualquer outra coisa. Eu acho que a sociedade de consumo meio selvagem ela vende a seguinte ideia: o gosto não se aprende, ou você gosta ou não gosta. Eu não acredito nisso
* Eu me meti a tomar vinho dez anos atrás, eu não tinha um vigésimo da percepção que eu tenho hoje quando tomo vinho. Tomei muito vinho caro dizendo que tava, que não tinha gosto de nada, mas eu precisei de um tempo pra minha percepção desenvolver, é assim com artes visuais, é assim com música, é assim com literatura, é assim com tudo.
* A música clássica, quando ela era feita no século dezenove, dezoito, ela era feita para um público de músicos, as pessoas que iam assistir um concerto, todo mundo ali era músico, porque você não comprava disco, o único jeito de se ouvir música, era tocando piano em casa, ou tocando violino com um amigo pianista, todo mundo que tava ali era músico amador, quem ia assistir uma sinfonia de Beethoven em geral era… a boa parte daquele público era músico amador. No século vinte já não são mais, com o surgimento de rádio e toca disco, as pessoas param de tocar o seu pianinho, e se tornam passivos
* A Jazz Sinfônica ela é uma orquestra de exceção, ela foi criada para tocar música popular, ponto. As demais orquestras do Brasil e do mundo, são criadas… são feitas para tocar música clássica.
* Mozart, Bach, Beethoven, são os alicerces da música clássica européia, e todo mundo tem que passar por isso.
* Aí quando você vai tocar numa orquestra e você pega, oitenta, noventa músicos que passaram por essa tradição, eles têm a obrigação de tocar desse jeito.
* Aí você pega uma orquestra dessas e vai tocar música popular, eles realmente não tem o sotaque da música popular.

**AMILTON GODOY [01]**

* Esses músicos brasileiros que eram famosos na época, eles faziam música em européia no Brasil, porque eles nasciam aqui e faziam, mas o estilo da música se você ouvir, uma ópera, são coisas que são de fora.
* O Villa Lobos começou a achar que nós não tínhamos, tem alguma coisa no Brasil e nós não temos uma identidade musical, cultural, então o que ele fez quando ele pôde, ele saiu numa viagem, pelo Brasil todo pesquisando o que existia no Brasil. O que que ele fez nessa viagem? Ele compilou, compilou coisas, frases, de todas as regiões diferentes do Brasil, e com isso, ele começou a perceber, que existia através dessa miscigenação que houve, regiões do Brasil que já estavam se caracterizando por tocar dentro de uma determinada forma, de uma determinada escala, e que isso deu uma grande contribuição, uma riqueza musical.

**MAESTRO GALINDO** **[02]**

* A mistura que se tem na música popular brasileira... ela é um grande vira-lata daqueles que você já não sabe mais que raças estão ali.
* Existe um consenso nos músicos, da música clássica ou de concerto do mundo inteiro, que a música popular brasileira é uma coisa absurdamente fantástica.
* Quando a gente ouve… [imitando escalas musicais]… Essa escala, é uma escala que não é mais usada na música clássica, mas ela sobrou no nordeste, é uma escala usada no século XVI, que no século XVII não se usava mais na música clássica francesa, alemã, ela foi deixada de lado, e ela tá no nordeste, veio com os jesuítas.

**AMILTON GODOY [02]**

* O Brasil foi descoberto pelos portugueses, e vieram pra cá os jesuítas que tinham a missão de catequizar os índios, nessa catequese, a música que eles usavam, era uma música chamada *"Canto Gregoriano",* que são aqueles, monofônicas, que eram coisas assim.
* Os índios sempre tiveram os sons definidos pelos instrumentos deles, mas não trabalhavam com uma escala, eram sons definidos, e começaram a ouvir uma coisa completamente diferente né
* Se você pega por exemplo.

[imita escala no piano]

* Você tem uma escala maior natural que é essa daqui.

[imita escala no piano]

* A gente chama em música a escala maior jônica, e é onde está situado o processo tonal, significa assim, se eu tocar de dó a dó, tudo pela nota branca do instrumento.
* Isso aí era usado, isso foi passado pra índios, e depois vieram os negros, o que que eles trouxeram de diferente na escala deles, a sétima rebaixada, que é…

[imita escala no piano]

* E não…

[imita escala no piano]

* E qual é a diferença? Dá frases assim oh:

[imita escala no piano]

* Opa, já começa a pintar um "*Oxente"*, num sei que…
* A mesma que foi pro Estados Unidos e deu o Blues, né, que tem combinações assim oh.

[imita escala no piano]

* Você não fala aí o *"Oxente"* você vai falar *"Oh Yes"*.
* Aí você pega os holandeses, na cultura europeia, dentro desse dó a dó, a outra escala é essa:

[imita escala no piano]

* A gente chama de *"Lídio"*.
* Dá frases assim oh.

[piano]

* Mistura com a outra fica:

[piano]

* Tem três gêneros básicos, o gênero erudito, o gênero popular e o gênero folclórico. O erudito é o contrário do folclórico e o popular é o resultado da fusão dessas duas. A erudição é conhecimento. Enquanto que folclore é uma transmissão natural de cultura.
* Então você tem que pegar o conhecimento que VillaLobos tinha, e ir atrás do seu folclórico, foi o que ele fez, e tentar tornar sua música popular. Por que se torna popular? Quando essa música deixa de ser absorvido por aquelas pessoas das quais são cisuncritos os gêneros. Pessoal não fica só o gênero erudito, ou popular, aí transborda, é pop, é povo

[Improviso no piano]

**MAESTRO GALINDO** **[03]**

* Cultura não é *"auê"*.
* Eu as vezes vejo assim… Fazem um evento… Tenho nada contra evento. Mas evento é evento.
* Então tem uma loucura né, um espaço grande, um globo da morte, lazers, uma mulata dançando samba do lado, uma fonte, ai uma montagem ali, uma mulher pelada e os caras jogando tinta, tudo isso no mesmo ambiente… Gelo seco, vem um helicóptero e pousa joga pétalas de Rosa e tal, isso num é cultura, isso é "auê", isso é uma festa.
* Cultura… a palavra cultura é usada no cultivo do solo, né, o cara que planta uva para fazer vinho ele fica um ano tomando conta, cultivando, quanto tempo vocês demoram pra fazer um longa metragem?
* Eu não tenho nada contra a música que não seja artística, se eu for pra uma balada pra dançar, a última coisa que eu vou querer ouvir é uma sinfonia de Beethoven, certo, eu vou querer ficar dançando, eu quero um looping mesmo lá… eletrônico, beleza.
* Agora botar isso no palco e dizer que isso é arte, aí a coisa já… o discurso começa a ficar complicado.
* E você sentar pra assistir uma música, e você querer que aquilo vire… uma eletrônica de balada, também então você ta no lugar errado. Ali é a hora da sensibilidade, então estabelecer essa diferença é importante, cultura é uma coisa, *"auê"* é outra.

[Jazz Sinfônica - Cyro Pereira: O Fino do Choro 2]

[Música: Cabelo]

**POETAS [02]**

* Nem tem aula mais de música na escola
* Tiram porque… “Que frescura é essa?”
* Tiraram a essência. O mundo tá louco. Então, você respira então você tem o oxigênio que eu preciso, mato você. É diferente, tendeu? É diferente. Nós estamos matando pessoas, nós estamos matando pessoas pra sobreviver. Olha no que os caras transformaram a vida, nós estamos matando pessoas pra sobreviver! Você entende o que é isso? Você entende o Cabelo? Você entende o Cabelo naquela puta daquela guitarra, cara? Falando assim pra nóis: “Cara, vocês estão matando pessoas pra sobreviver!”, Jimmy Hendrix: “AH! Eu sou *the best.* Eu sou ninguém. Eu sou quem vocês esperavam que eu fosse quando vocês fossem pessoas”. Você entende o que o Cabelo é? O Cabelo precisa de um pente, cara. O Cabelo precisa de um xampoo, o Cabelo precisa de vitaminas, o Cabelo precisa de gente que respire e diga assim: “Eu sou como você”.

[Jam Session - Teatro Paiol]

**TEATRO PAIOL [03]**

* Caos instrumental!
* Al al al, Rádio Caos instrumental! Agora até me escuto

[BANDA AFINANDO]

* A vida desses caras era uma maluquice né, porque eles tocavam na boate *Stardust*. Até as 4 da manhã, 5 horas… E o Cabelo ele era guitarrista, tinha uma guitarra branca lindinha. Eu não sei se era Giannini ou Del Vechio
* Era Giannini. A primeira aula que eu tive com o Cabelo… A primeira aula que eu tive com o Cabelo foi nesse instrumento
* Você teve aula com o Cabelo?
* Eu tive aula com o Cabelo… Na casa da mãe do Tatára
* Que bateu duas vezes o carro na traseira do Bibi, em duas semanas diferentes.

[risos]

* A mãe do Tatára…
* A mãe do Tatára?
* A mãe do Tatára!
* O Dave Matthews foi lá pra ver o...
* Ele tava tocando um dia antes.
* O Cabelo e num…
* É e tinha também o Ben Harper, que era o show dos caras. E aí, os Wayne Shorter tava lá, inclusive o Wayne Shorter, e eles tinha ido na noite anterior no Bardo Tatára e tinha visto o Cabelo tocar, e eles queiram voltar lá de qualquer jeito e levar todo mundo pra lá, só que o Cabelo só tocava lá numa quinta-feira e era sexta-feira e não ia ter Cabelo nenhum. Mas os caras estavam completamente empolgados e ver o Cabelo de novo tocar porque os caras ficaram babando os caras do Wayne Shorter, e queriam levar os outros, os caras do Ben Harper e do Dave Matthews, e aí acabaram uns deles indo lá pro Dolores Nervosa... Mas não teve Cabelo duas vezes, que o Cabelo só tocavam um dia lá no Bardo Tatára. A vida era dura pro Cabelo.
* Os caras que estão nessa estrada, o Raul, o Amilton Godoy, a Badi, o Duofel, ninguém tá confortável, tá todo mundo batalhando muito, assim como vocês batalham com a banda de vocês, você batalha com a tua arte. É isso, a arte não tem facilidade em lugar nenhum.

[BANDA TOCANDO]

**BADI ASSAD [01]**

* Queria te mostrar um pouco do Romano.
* Ah pois é, que eu não conheço.
* É então, vou te mostrar.

[Música: Cabelo - Thomaz Alvarez]

**Reações [01]**

**Hermeto:**

* Eh! Esse é gaúcho mesmo, escuta…

**Badi:**

* Uau! Ele tem a própria técnica lá

**Hermeto:**

* Eh, que lindo, que lindo… Isso aí Campeão!

[palmas]

* Bom gente, muito obrigado
* Mas aí, mas aí, eu pergunto pra você, vem cá, com que tempo foi que ele foi embora?

**CABELO [02]**

* Vou fazer um trechinho, o comecinho então

[Cabelo tocando]

**DUOFEL [01]**

**Fernando**

* Ele tava morando num lugarzinho lá e falou: "Ô rapaz, eu tô passando meio dificuldades aqui na cidade de São Paulo", tinha ligado pra mim e deixado o telefone. Eu dei alguns contatos que eu tinha, "Oh procura fulano de tal, fulano de tal, pra ver se você consegue arrumar algum show". E os últimos encontros foram exatamentes esse na livraria, que ele tava fazendo um show, o Lúcio ficou muito amigo dele, falou: "Olha eu vou ajudar esse cara, porque ele é fantástico, então vou fazer todos os show que ele tiver". E eu fiquei admirado com a simplicidade dele, e a maneira como ele toca

**Luiz**

* Ele tem uma história ali né? A música dele traz uma história. Isso torna a vida mais maravilhosa, porque às vezes a gente vê de fora, e a gente fica com certo sentimento de… Eu não sei se eu posso falar isso, se é um sentimento de pena, "Poxa o cara não tá dando certo", mas nem sempre é assim pelo lado de dentro. Foi até o fim acreditando cara, maravilhoso, acho isso fantástico, isso é vida né?

[Yamandu improvisando]

**YAMANDU COSTA [02]**

– Era uma coisa muito natural né, era uma casa de músicos, então nunca se teve um preconceito. Muito pelo contrário, eu me lembro de brincar de violão com o meu pai, quando eu tinha 6, 7 anos, ele fazia dois ou três acorde e me ensinou… e me ensinava uma escala que correspondia aqueles acordes, e eu ficava brincando de violão com ele.

**AMILTON GODOY [03]**

– Então uma criança que nasce num lar desse né, na época era privilegiado porque o processo de musicalização começou a se fazer naturalmente, hoje a gente põe numa escola como a nossa aqui pra levar pra um ambiente de música né, musical. Mas naquela época não, quem tinha casa onde tinha gente tocando era um privilegiado, então um lugar assim que tinha uma reunião de família onde vê pessoas tocar, se diferenciava.

**HERMETO PASCOAL [06]**

* O pai já diz: "Não, não, músico é malandro, é negócio é… coisa é de malandro, esse negócio, músico não ganha dinheiro, você vai ter que sustentar a sua família, você vai ter que sustentar os seus filhos, vai ter que se sustentar", tendeu? Então graças a Deus eu não tivesse isso com a minha família

**CAITO MARCONDES [01]**

* Quando eu comecei a abandonar um pouco a arquitetura e trancar matrícula e tal, e meus pais ficaram sabendo, meu pai ficou muito desgostoso, e né… começou a ficar muito irritado comigo. Eu me lembro que uma coisa muito bonita, foi que num show que eu fiz com o Hermeto no Teatro municipal. Quando terminou o concerto, que terminou as 4 da manhã aliás, porque o Hermeto na época ele estendia muito os concertos, quando foi minha surpresa, quando meu pai apareceu lá e ele foi... tinha ido assistir o concerto, e quando acabou ele veio falar comigo e falou: "É isso que você deve fazer mesmo"
* Sensacional
* E me ajudou a carregar os instrumentos, foi muito emocionante pra mim né… e foi assim um aval.

**BADI ASSAD [02]**

* No Rio de Janeiro era essa.. né… eles tocando, meus irmãos estudando já violão erudito, lá o radinho meu que eu gostava de sintonizar numa MPB, e aos sábados eu ia dançar John Travolta. Era a época dos embalos de sábado à noite, eu era a cocotinha do Rio de Janeiro. E daí eu não queria saber nada com música, quando: "O que você quer ser… eu quero ser bailarina"...
* Não tinha essa relação?
* Eu acho que era tanta música dentro de casa, que não me passava a ser, ao mesmo tempo, eu acho que tem uma coisa muito ligada ao meu pai, porque eu passei a infância inteira com esse homem que era meu pai, mas ele não me dava a maior bola, e ele dava… tinha olhos pros meus irmãos, que tavam né… e foram pros Estados Unidos já muito jovens e a coisa tava indo. A gente voltou pro interior de São Paulo.
* Ah, vocês voltaram pra São Paulo
* Para São João da Boa Vista, onde nascemos e tal. Aí meu pai chegando lá, que que aconteceu, não tinha com quem tocar… ele olhou pra filha... a filha olhou pra ele, ele falou: "Quer tocar comigo?". Então eu falo que comecei a tocar violão por amor, ao meu pai, né…

**HERMETO PASCOAL [07]**

**Hermeto**

* É o orgulho que eu tenho, pela primeira vez, é furo pra vocês né, se ele deixar, mostrar o Hermeto aqui…

**Fábio**

* Não, não, não…

**Hermeto**

* No braço dele, que ele fez... olha só. Como eu sou brincalhão, aí quando eu vi assim, eu sabia que era eu, mas depois: "Pô, tu botou o Sivuca aí é?". Eu brincava muito com Sivuca né, Sivuca é meu irmão eterno né?

[risos]

* Num tem dinheiro, dinheiro nenhum vale essa riqueza que eu tenho na minha cabeça, e tem aí os meus filhos, esse aqui se formou em educação física.

**Fábio**

* Visualiza o que? Filho do Hermeto. Fui fazer educação física, não cheguei a me formar, no último período, eu tava fazendo uma prova, lembro até hoje cara, e me veio um negócio na cabeça, "O que que eu tô fazendo aqui cara?". Professor não entendeu nada, entreguei a prova em branco: "O que foi Fábio?"... eu: "Fui!". Aí entrei em casa, esse cara tava sentado no sofá, falei: "Velho, quero tocar, mas quero tocar nesse som aqui. Como é que vai ser isso aí?"... "Que isso rapaz, acaba a faculdade", num sei o que, falei: "Não… quero tocar...”

**Hermeto**

* Já falei falei irônico.

**Fábio**

* Não, não… quero sentar e tocar.

**Hermeto**

* Agora posso entrar e contar? Deixa eu contar essa!

**Fábio**

* Tá, manda ver.

**Hermeto**

* Você, você, você era muito pequeninho pode não lembrar.

[risos]

* Aí foi assim. Eu escrevi uma música, escrevi uma peça pra ele, e assim… mais ou menos nesse andamento, vamos supor, 1, 2, 3, 4… pra ele fazer.

[cantarolando suave]

* Sabe como é que o cara contou o 4? 1, 2, 3, 4…

[cantarolando mais rápido]

**Fábio**

* Argh, e tecnicamente… vai dar *"tilt"*. Primeiro ensaio velho… Primeiro ensaio, "Vamo ver seu Fábio como que é" num sei o que. O cara me conta: " 3… e 4..." eu: "Como é que é?"

[risos]

* "Bicho, não é assim", "Como é que tu ensaiou?", e foi lá: "3 e 4..." lá, "1, 2..", e os caras… começaram a rir velho…

**Hermeto**

* Aí, a surpresa que eu fiz… a surpresa que eu fiz, que eu tinha… eu tinha uma ideia, mais ou menos essa ideia, mas eu não quis influenciar ele pra justamente… Eu sou um cara brincalhão, não tem jeito
* Graças a Deus
* Eu brinco com qualquer situação, até numa situação que pareça, que "pô, isso era hora de brincar?". Realmente essa hora, era a hora de eu chegar e: "Meu filho, que é isso...", mas… você entende?. Aí quando, meu camarada… Quando ele contou, quando ele contou, quando ele começou a tocar, quando ele começou quando ele viu eu rindo, eu tava rindo ironicamente, ali aí que foi ficando mais puto, porque, puta que pariu né? Aí eu deixei um pouquinho, só pra ele dar uma sofridinha de brincadeira, aí o homem viu… Aí eu digo: "Rapaz… agora, vamos lá", aí eu: "1, 2, 3, 4,", ele tocou quase sem olhar pra partitura.

[Cabelo tocando]

**DUOFEL [02]**

**Luiz**

* Nós fomos contratados no meio de uma turnê que a gente tava fazendo pela França, o sucesso da nossa turnê fez com que fosse… Nós fossemos contratados. Só que o cara não sabia exatamente o que a gente tocava, e quando chegou lá, e no dia da festa, ele falou assim: "Olha eu sou o diretor de cena, vocês, querem um show de vocês de 40 minutos, nos primeiros 20 minutos, Chico Buarque, nos outros 20, Tom Jobim."
* Aí nós falamos pra ele assim, eu falei: "Olha querido, vocês contrataram os caras errados. Nós não tocamos Chico Buarque, não temo nenhuma do Chico, e nenhuma do Tom Jobim", e era verdade. O cara ficou assumidamente louco, sabe, enrubesceu, começou a falar: "O negócio é o seguinte olha, vocês estão anunciados, vocês terão o seu show, eu não posso mudar, mas tem o seguinte, vocês não toquem nada de vocês, nada contemporâneo, não tem direito a bis, e vocês nunca mais voltam a Mônaco, porque vocês tem que entender o seguinte, quando um europeu contrata um cara, um brasileiro, pra tocar violão, é Bossa Nova, ou é Tom Jobim, ou é Chico Buarque."

**HERMETO PASCOAL [07]**

* O próprio Tom Jobim que foi agora a pouco tempo, já tava sentindo isso, da própria bossa nova, ao ponto dele chegar pra mim, no elevador em Nova York, me convidou pra gravar o disco dele... Isso eu faço questão de dizer porque agora como eu sou conhecido, podia parecer que queria aparecer porque… eu to falando isso construtivamente, até a família dele eu peço que não fique chateada porque, o Tom falou isso pra mim e tava preocupado, o Tom tava preocupado dele chegar no elevador... e aí ele chegou e fez assim, tocou a música dele "Garota de Ipanema" no elevador, ele fez assim ó… com o chapéu branco, eu não tinha intimidade com ele assim, era só "tchau, oi, tu e..." disse: "Hermeto… Já tô cansado dessa música", olha, nem parecia que era ele, que era dele. Quando ele falou isso, e disse em seguida: "Eu gostaria de fazer um som, assim parecido, assim com o Quarteto Novo, aquele que vocês fizeram, aquele som feito o Quarteto Novo", aí eu disse: "Tom, é o seguinte olha, você mora aqui nos Estados Unidos, você se concentrou num… fazer….. você fez um estilo de música só, você não misturou, então pra você misturar, faz assim, vai pra lá e… vai pra lá e pra cá, num demora muito aqui, se tiver que demorar, demore mas no Brasil, mas você tá exagerando um pouquinho, a bossa nova não é ruim assim né… Num é assim também não”

**DUOFEL [03]**

**Luiz**

* Compramos um relógio digital, botamos lá quarenta minutos, botamos ele lá embaixo e começamos a fazer o show. Primeira música, não teve um aplauso, um aplauso, um. Aí, "pum" isso pega né. Segunda música, nenhum aplauso e continuou aquele silêncio, cara. Quando deu 40 minutos no relógio, nós paramos, paramos e levantamos pra agradecer, e aí vieram os aplausos, um minuto, dois, três, quatro minutos de aplausos. Na verdade, nós dois de preto sem abrir a boca durante o show, tocando aquela música confusa a princípio, deu a impressão de que aquilo era um conserto, e conserto não se aplaude entre as músicas, só no final.
* Aí vem o fulano, "gente o público tá pedindo Bis"! "Não bis… Você falou que a gente não tinha direito a bis, que a gente nunca mas ia voltar a Mônaco, agora você quer que a gente volte?". Ele falou "Olha vocês por favor, vocês voltem pra dar o Bis, eu reconheço a música brasileira, reconheço a música de vocês como grandiosa, peço mil perdões". Aí nós voltamos e demos o Bis. Eu acho que essa passagem, ela marca uma coisa muito importante pra nós

[Duofel tocando]

**YAMANDU COSTA [03]**

* Existe essa ingenuidade ainda da música popular, os países desenvolvidos não tem mais música popular, eles não tem mais tempo pra isso. Você chega na Suíça, chega na França, as pessoas não estão mais nessa vibe. A gente tem uma separação muito grande, a música popular é artesania, existe o preconceito da artesania. A elite sempre teve preconceito com a música popular, com o sentimento popular, a elite tem vergonha do que é na verdade
* Quando você sai daqui e chega num lugar e leva a música do teu país às vezes, com um detalhe simples assim mas que representa todo o lugar que você vem, e você vê o privilégio que é de ser e viver num país que tem a sua cultura popular viva e em transformação, isso é uma coisa muito maravilhosa

[Cabelo tocando O voô do beija-flor]

 **CABELO FILHOS [01]**

* Meu pai respirava música, então, desde que eu tenho uma lembrança dele é com música, se ele acordasse... motivado ele tocava, se ele acordasse entristecido ele tocava, então nós tivemos uma infância diferente de qualquer outra criança da vizinhança.
* Meus avós por parte da minha mãe, não aceitavam a coisa da música, meu avó era muito diferente né, música acho que… acho que nunca ouvi música na casa do vó né…
* Não
* Então era muito diferente, então não era aceito ele. Então não tinha uma relação muito boa, nunca vi meu pai tocando ali, pegando o violão e indo pra lá com a música, era coisa de família.
* A família da minha mãe nunca viu o meu pai como um grande músico, então isso, intrinsecamente ela… você vai…
* É…
* Você vai plantando ali que você não pode ser
* Chegou em mim também
* Você não pode ser músico, você não pode ser músico, olha a vida que teu pai leva. Porque meu pai quando criança, nós crianças, ele nunca incentivou a gente a tocar, a gente brincava, tinha violão, tinha bateria, nossa casa era assim, era essa bagunça, ninguém entendia muito a logística da nossa casa. Aí você imagina um pai louco e careta… é uma, não existe né, porque meu pai sempre foi músico, e quando você fala assim, "Meu pai é músico", as pessoas já falam, "Nossa… né... é uma pessoa virada”, não mas o meu pai foi o músico mais correto que eu já encontrei na minha vida.
* Ele sabia que ele tinha uma… uma classificação musical muito acima do nível de muita gente. Então ele teve momento em que ele, passou a criticar outras pessoas que conseguiram um pouco mais, mas isso a nível mais nacional, num tô dizendo a nível de música de má qualidade a qual a mídia vende com muita facilidade, mas a ambição do dinheiro ele nunca teve.
* É, teve momentos onde a gente criticou muito ele, por essa parte de não ter iniciativa, de… sabe, de correr um pouco mais atrás das coisas, assim…
* De se posicionar
* De se posicionar.

**TEATRO PAIOL [04]**

* O músico, eu acho que quando ele tem essa alma de músico, não quer acumular dinheiro ou... Sabe, os valores dele são outros, você quer ter um conforto, fazer as coisas certas sabe, passar um conforto pros seus filhos, você quer ter uma "vida normal", assim entre aspas, sabe que nunca vai ser mas… mas é uma coisa assim de você, ter uma vida digna, e tal, você não quer acumular riquezas, você quer ter um instrumento.
* Sim e você também não espera uma vida de Madonna tocando Jazz né?
* Exato, sabe, não tô... inclusive sinto assim isso que eu falo, “putz Wesley Safadão”, ou então Madonna, eu não sei, acho sempre vai existir isso, e eles podem tirar o dinheiro deles assim, e eu acho... tá tudo certo, eu não tenho assim esse sentimento de: "Pô que sacanagem, esse caras ganhando dinheiro, e eu aqui estudando um instrumento, e não ganho". Aí pô num é isso, num é isso tudo bem…
* Inclusive Wesley Safadão é bem legal…
* É, eu nem sei, eu não conheço.

[vozes ao mesmo tempo]

* Pode falar que a gente corta.
* Close, close nele...
* É segredo mortal, é segredo mortal!
* Ninguém tá ouvindo.
* O Tatára e o Cabelo estavam tentando a vida no Rio de Janeiro lá, e leva disco daqui, leva de lá… É, agarra nas pernas do Caetano Veloso, que o Tatára me contou até depois…

[grunhidos]

* "Porra, esse Caetano Veloso filho da puta".
* Pera aí, quem agarrou na perna de quem?
* Ilka e o Tatára…
* Aí veio uma puta gravadora e falou assim, "Você", pro cabelo.
* Só ele que interessou..
* Você

[Acena com a mão]

* Entendeu… o outro não.
* "Não… ele é meu contratado… Ele é meu", Ele é meu… E não deixou o cara ir pra frente.

**POETAS [03]**

* Se uma coisa que o professor não consegue ensinar pra gente, é aquilo a gente já sabe
* A não ser o Cabelo...
* Puta que pariu. Sim.
* ...O Cabelo conseguia
* O Cabelo ultrapassava, o Cabelo sempre ultrapassou
* Ele pegava as músicas que eu compus, ele fazia um arranjo elaborado e me ensinava a tocar minha própria música

[risos]

* Aí é o que eu queria né cara. Po achei o mestre né cara. Achei o mestre. A gente fazia nessa época aula na, que começou dentro da casa do Tatára mesmo as aulas né, num quarto lá. Aí depois...
* No quarto não, na garagem lá atrás
* Não, era num quarto
* Ah, antes era, depois foi pra garagem
* O estúdio lá no fundo dele
* Depois foi pra garagem, é
* Aí depois nós começamos a construir aquele estúdio lá
* Aquela poioca
* Os alunos tudo
* Ele escravizou todo mundo
* Ele escravizou todo mundo
* É o Tatára né
* Até a mãe dele, a Dona Odete teve que ir lá
* Só faltava o Tatára ta me ligando, é o Tatára. [no telefone:] Oi Tatára. Tudo bom, cara? Cara, a gente tá falando sobre um parceiro teu.
* Está no ar
* [no telefone:] O Cabelo.
* Põe ele no viva-voz
* [no telefone:] Puta cara, do caralho. Não acredito. Você estava triste lembrando dele? Porra, cara. Po, ele desligou cara.

**FILHOS CABELO [02]**

* O Tatára, sempre foi explosivo, falava alto, era… pô, totalmente diferente do que o pai era, né.
* É...
* Totalmente, o Tatára que tipo, corria atrás mesmo das coisas, se precisava vinha de manhã cedo, chegava…

**TATÁRA [01]**

* Eu não diria Fausto, que ele era acomodado. O Cabelo era um instrumentista, era um músico genial, era aquilo que ele sabia fazer, ele não sabia fazer outra coisa, não adiantava você pedir pra ele fazer outra coisa, ele fazia duas coisa bem feito, tocar e café. Nós continuamos a fazer nosso trabalho, e esse empresário do Rio de Janeiro, vivia ligando pra ele, e isso foi incomodando o Cabelo, incomodando o Cabelo, então ele foi deixando os compromissos aqui, com essa ideia dele ir pra Europa, e fazer coisa na Europa, e acabou que a gente separou a dupla, e o empresário não veio buscá-lo, nada, isso não fez nada com ele, e ele parou aqui.
* Mas incomodava ele ou você, como é que foi o…
* Acho que incomodava os dois né… ao mesmo tempo, porque ele... nós tínhamos um trabalho de tantos anos juntos, como é que ele ia largar aquilo.
* Ele queria levar só o Cabelo?
* É, ele queria levar só o Cabelo, com algumas músicas minhas, e eu naquela época confesso, eu não topei, eu disse: "Não, faz cinco anos que nós estamos fazendo isso, e vamo fazer isso, vamos ver o que o Cabelo escolhe pra fazer." Ele escolheu ficar comigo aqui na dupla né… Mas esse empresário não largou do pé, ficou telefonando, telefonando, chegou a vir pra Curitiba, até que foi um dia, nós desmanchamos a dupla, e o empresário não quis nada com ele, largou ele.
* O Cabelo respirava e comia música, e bebia música.
* Ele acordava e saia tocando.
* É, ele tocava… Não tinha, o violão tava sempre com ele, ele não podia parar de tocar, se nós tocávamos oito horas por dia, imagina ele sozinho, ele ia adiante, ele devia tocar quinze horas por dia.

**CABELO [03]**

* O menino pode pegar? Segura aqui. Deixa eu só aproveitar aqui, deixa eu dar uma arrumadinha na minha unha que deu uma… To sentindo trêmulo ali, que ela deu uma enroscada. Ela enroscou, você pode parar que ela tá
* Isso aí são quatro, cinco palhetas funcionando
* É, cinco palhetas

**TATÁRA [02]**

* No instrumento dele, na craviola, e na... violão folk, aquele de 12 cordas, eu digo pra você tranquilamente, não tinha ninguém no mundo que tocasse que nem ele, não tem até hoje quem toque que nem ele, não tem. O violão, tudo bem, mas o instrumento de 12 cordas, e principalmente a craviola e a viola... esse violão folk de 12 cordas, é só olhar no "O Voô do beija-flor", uma composição dele, é uma loucura o que ele faz com aquele instrumento

**CABELO [04]**

* Tinha muito beija-flores, então eles tinham uma… Passavam meio por mim quando eu tava tocando com a craviola, eles passavam por mim, acho que até por causa da sonoridade. Então, eu notava que era muito rápido eles, né [faz sons], aquele barulho. Eu cheguei a fazer O voô do beija-flor numa afinação não deu certo, fiz na outra, não deu certo. E eu tocava de dedo, e não deu a mesma… resultado, não dava aquela mesmo metálico, aí que eu cheguei nessa afinação aqui né…

**TATÁRA [03]**

* Mas ele mesmo não cabia dentro dele, sabe... tem algumas pessoas que… alguns artistas que nem Elis Regina, por exemplo, ela não cabia dentro do mundo, como o Cabelo não cabia dentro do mundo, ele era muito maior que isso entende, ele era o cara mais puro que tinha na vida, ele era tão puro quanto o som dele. E ele acabou vendendo a parte dele do bar, não conseguiu ir pros Estados Unidos, e nesse tempo depois que ficou por aqui, ele resolveu ir embora pra São Paulo.
* O filho dele ligou pra minha esposa e disse que o Cabelo tinha falecido… Foi uma pancada, foi…

[Cabelo tocando]

[Orquestra Jazz Sinfônica]

**MAESTRO GALINDO [04]**

* Uma coisa que é mundial, é do ser humano, assim, a música vocal atrai mais gente. A voz, ela é, ela tem um atrativo muito maior do que a música instrumental pura, na música clássica é a mesma coisa
* Conheci um maestro russo, vivia em Moscou, ele era um dos Maestros do Teatro Bolshoi que é um grande teatro de Moscou né… e isso foi em 1990, justamente quando o muro de Berlim tinha caído e a Rússia, o Império Soviético estava se desmontando… E ele foi a primeira pessoa que me disse: "Não... lá no Teatro Bolshoi é assim… Ópera, casa cheia; Ballet, oitenta por cento; Concerto; sessenta por cento, isso é o normal."
* Ópera sempre foi o que atraiu mais gente, voz, não adianta. E na Música Popular Brasileira é a mesma coisa, quer dizer, a música instrumental atrai um público menor.

**CAITO MARCONDES [02]**

* A Rita Lee me convidou pra tocar com ela… Eu adoro a Rita, a gente brigou muito, até eu sair da banda, sair do trabalho. É, a banda na verdade era um trio, porque era ela, o Alexandre Fontanetti, os dois de violão, e eu de percussão, era só essa era a banda. E eu na primeira… a princípio eu não aceitei porque eu falei: "Ah… eu adoro o seu trabalho, mas eu não sou roqueiro"..."Não mas não é Rock, é Bossa n' Roll…” não sei o que..., me convenceram e eu fui fazer uma turnê com ela. E ao mesmo tempo... aí eu quebrei o pau com ela, nós acabamos brigando porque… diferente opiniões, né... Eu queria me soltar cada vez mais e ela queria que eu tocasse sempre a mesma coisa, então foi uma diferença… que, eu entendo o lado dela, uma pessoa que ta na frente, ela é a cantora e ela queria estar sempre muito bem alicerçada pra se sentir segura, né. E eu achava que a gente podia fazer o trabalho ficar mais “jazzy”, mas enfim, é uma artista fantástica, maravilhosa, depois voltamos as boas, mas eu saí do trabalho, bem desgostoso, ela também deve ter ficado muito desgostosa

**YAMANDU COSTA [03]**

* E aqui no Brasil existe essa diferença eu acho, na América Latina de um modo geral da música instrumental, as pessoas veem isso como uma coisa ao lado da música, ainda existe essa pouca compreensão, de que tudo é uma coisa só, que por exemplo... um cara tocar um violão tem o mesmo peso do que um cara cantar. Aqui existe um pouco…
* Eu acho que por ser o país das divas né, das estrelas, enfim, que tem esse sentimento todo se formou de uma certa maneira uma distância entre músicos e cantores né… os canários que a gente chama.

**RAUL DE SOUZA [03]**

* Se tem cantor, “Vamo lá galera, vamo, Mamãe eu quero”, não sei o quê… e todo mundo vai e dança

**ELIANE BARROS [01]**

* Eu nunca me senti é, instrumentista, e hoje eu me sinto. Porque eu tenho voz, eu tenho cordas como um instrumento tem, né. Eu tenho caixa que faz com que isso… Mas eu só vim a entender isso vivendo com o Cabelo

[Badi Assad Waves e Improviso Caíto Marcondes]

**ELIANE BARROS [02]**

**Claudio**

* Quando que você viu o Cabelo pela última vez?

**Eliane**

* Ah… [respira fundo] Eu não vi o Cabelo pela última vez. É… eu acho que eu não consigo vê-lo como se ele não estivesse aqui. Foi naquele quartinho, em Perdizes, do ladinho da Sumaré… muito escuro pra ele. O Cabelo era muito mais do que aquilo, o Cabelo era Sol, era vida, respirava tudo. E eu vi um Cabelo, adoentado, não doente, porque ele não estava doente, mas naquele momento adoentado, e comendo feijão com arroz, pra se fortalecer mesmo, e talvez, o que mais forte foi a preocupação dele, ele falou: "Tudo bem, eu vou pra Curitiba, porque eu vou fazer exames e ver o que tá acontecendo comigo, mas Maria, e os ensaio?" – Eu falei: "Eu vou pra lá, eu vou ensaiar com você. A gente ensaia", porque a gente tinha viagem marcada, turnê marcada fora do Brasil..."...não, eu vou lá e ensaio com você”, "Mas e os meus violões?"... ele nunca viajou sem os violões, e aquela noite ele falou o seguinte: "Você leva os violões pra mim quando você for ensaiar?”, eu falei: "Levo. Vai tranquilo, viaja, se cuida, começa a fazer os exames e eu levo os violões pra você". E no outro dia, infelizmente tive que trazer os violões.

**PROGRAMA SR. BRASIL**

**Rolando Boldrin**

* … A Eliane Bastos, grande cantadora, e o Romano Nunes, "Cabelo" pros íntimos… o apelido dele, o nome artístico dele, por causa do cabelo. Não é isso mesmo?

**Cabelo**

* Exatamente
* Tá dando uma sorte, tô dando sorte ainda…

[Eliane e Cabelo tocando “Atriz”]

**Rolando Boldrin**

* Essa primeira música aí se chama "Atriz", de quem é?

**Cabelo**

* Do João Gilberto Tatára, um antigo parceiro meu lá de Curitiba, um poeta lá, um grande poeta de Curitiba se chama João Gilberto Tatára.

**Rolando Boldrin**

* Lamentei não ter trazido você já há mais tempo no meu programa, porque você é um grande artista tendo um trabalho enorme, maravilhoso como instrumentista também né… E a Eliane também...

**Cabelo**

* Mas eu acho que eu vim numa hora certa.

**ELIANE BARROS [03]**

– Teve a primeira tomada, ele começou a fazer Tomaz Alvarez, que é dificílima, você sabe disso né. E quando ele começou, de repente a mão tremeu e ele parou, só nós que estávamos ali, e a platéia que estava, obviamente, conseguiu entender o quanto a emoção de se estar naquele lugar, naquele momento, fez com o que ele se interrompesse, e aí ele falou pro Rolando, ele falou assim: "Eu esperei muitos anos para estar aqui, se você me permite eu fazer de novo a música". Aí o Rolando só fez assim né… e quando ele respirou fundo, ele olhou pra mim e disse: "Maria... onde que a gente tá", respirou fundo, e fez acho que uma das melhores interpretações dessa música que eu já vi.

[Cabelo tocando no "Sr. Brasil", Thomaz Alvarez]

[aplausos]

**Rolando Boldrin**

* Maravilhoso, maravilhoso. Parabéns

Legenda: "Para se ter uma lenda, primeiro é preciso criar lá"

**CABELO [04]**

* Eu nasci em Carlópolis, meados de 50, por aí. Foram, bem… eu bem pequininho assim, piazinho né, guri, fomos pra Jacarézinho. Meu pai era boiadero e açougueiro, e meu pai tocava acordeão, mas ele tocava e juntava aquele povo tudo no frigorífico na minha casa, no final de semana, sábado assim. Ele amanhecia tocando, aquela “rocheiraiada” dele, aquelas coisa de rancheiro e tal. E aí o violão, um padrinho meu levou o violão dele lá, e o violão ficou lá em casa. E uma vez surpreenderam eu tocando uma música, dizem que foi aquela “Cerejeira não é rosa mais”. Tocando aquilo sem ter professor, sem ter nada, aí começou minha história musical, daí já tocava outra e outra… Eu tinha muita influência do Armando Reis. Tocava na zona, na zona pesado mesmo

**Claudio**

* Quantos anos você tinha?
* Ah, uns 12. A gente era de menor, o acordeonista era de maior. Então parece que tinha uma lá, uma carta não sei de quem, autorização tal, eu não lembro direito, sinceramente. Se era dos meus pais, não lembro… Acho que meus pais não, porque meu pai não ia permitir, era muito religioso. Eu tocava na zona braba mesmo, então a gente ia lá, já arrumava um dinheirinho. Eu cheguei em Curitiba, eu tinha esse lado meu mais do Armando Reis, mais erudito. Mas eu tinha a coisa da viola caipira também. Só que isso ai, como era guitarrista, eu fazia coisa, eu tocava uma - agora não lembro mais - dos debentures, vocês nunca ouviram falar nisso. Era dois guitarristas, baixo e bateria, porque assim solava. Eles faziam trilha, todos os filmes, a maioria dos filmes que pintava, eles faziam a trilha sonora.

**Claudio**

* E do rock? Teve alguém que te interessou?
* Bastante. O rock, bastante. O Led Zeppelin, Deep Purple, a gente tinha aquela bandas, nós tocávamos Deep Purple, Led Zeppelin, Black Sabath, que mais?! Não sei se to falando o nome certo dos caras

**Claudio**

* Não, tá certo.
* Nossa, Yes!, Yes! eu tocava muito. Na época do Tatára, eu tinha os três filhos, Marcelo, Michelle e o Alexandre, e o Tatára era solteiro. Tatára casou com 30 e poucos anos, e era difícil, porque o Tatára morava com a mãe dele, entendeu. Ele tinha um trabalho dele, e eu tinha um trabalho meu, mas ele assim, ele fazia muito pouco teatro, ele era mais dos bares né, boêmio, aquela coisa da boemia, ele no lápis, compondo nas mesas dos bares. O Zé já era um pouco diferente, o Zé Oliva já era um cara mais sofisticado um pouco que o Tatára, e era de boteco mesmo.
* Aí formamos um grupo lá, fizemos o “Jogo de Espelhos” que foi um estrondo em Curitiba, foi uma semana lotado o Paiol, mas lotado assim, às vezes, ele me disse a pouco tempo atrás, eu tava lá, ele disse: “Você lembra que nós fizemos duas sessões?” Parece que foi alguma coisa assim mesmo, era muito, falava no nosso show, lotava aquilo, Teatro [Paiol] lotava mesmo. Quando fazia os teatros lotava, mas não tinha apresentação de Jazz, era uma coisa muito esporádica assim, sabe. Então de vez em quando, a gente até fez a escolinha de música lá no fundo da casa dele, foi onde você foi estudar, não foi não?

**Claudio**

* Foi, foi
* Posso falar agora?
* Pode
* Onde você também estudou comigo lá, que era você, o Adriano Satyro, que até hoje mexe com, tem as composições, vive com música, ele vive também na área do cinema, com música. É o seguinte, Claudio, a música instrumental brasileira é meio complicada, assim, bem difícil…

**Claudio**

* Muito bem, Romano Nunes
* Cabelo…
* Cabelo!